

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMO N.º 7
Expediente a noite

ASSINATURAS:
Ano 10\$000 -- Semestre 5\$000
Numero avulso \$200 -- Pacote 12 exemp. 2\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados A Caixa Postal. 105
S. Paulo - Brasil

A Republica Socialista e os

latifundios

O dr. Mario Pinto Serva, em uma entrevista dada á «Folha da Noite», de 28 de Novembro ultimo, querendo criticar a Ponte de Miranda a proposito da ideia da Republica Socialista, diz, referindo-se á questão dos latifundios:

«Os nossos sociologos de gabinete é que estão inventando problemas que não existem no Brasil, como esse de latifundio, que ha pouco jocosamente o interventor de Goiás contestou, declarando que tinha terras de sobra em seu Estado, mas que ninguém as queria nem de graça. Ai está o problema brasileiro.»

Não quero discutir com mais um doutor. Contudo faço notar o seguinte: E' que apesar de todos os seus títulos, si se dissesse ao dr. Mario Pinto Serva:

— Aqui estão 10 alqueires de terra, São seus, e, desde já, vae responsabilizar-se pelos impostos. Terá que trabalhar sozinho, por si mesmo, para poder viver, não dependendo de outros recursos. Arranje-se como puder, procure ferramentas, sementes, construa a casa, plante, trate, cuide, venda os produtos, organize o transporte, perca de fi a 8 mezes a esperar que venham, talvez, as primeiras colheitas, se a seca, o vento ou a chuva de pedra não danificarem por completo o sem-trabalho, e é daí por deante que terá o direito de começar a comer.

Então, o dr. Mario Pinto Serva poderia demonstrar «jocosamente» que essa praada tarefa é muito pesada para os seus hombros fraquinhos de cidadão, de sociologo de gabinete.

O dr. Mario Pinto Serva não compreendeu ainda o que significa a palavra socialismo. Socializar a terra e os meios de produção é restituir ao produtor tudo aquilo de que a sociedade capitalista se despossou.

Não se trata de dizer ao «caboclo»: — Ai estão florestas virgens para derrubar e valorizar, faça estradas, casas, pague impostos, enriqueça-se.

Socialização

Não, sr. dr., perdão! Socializar é pôr á disposição dos produtores a riqueza social adquirida, o que significaria dizer aos cablocos: estas plantações, estas florestas, estas ferramentas, estas máquinas, as sementes, os animais, as casas, tudo é de vocês. Utilizem-nas, façam produzir, aumentem, aproveitem, multipliquem as colheitas e as produções. Então, poder-se-ia demonstrar «jocosamente» ao dr. Mario Pinto Serva e ao sr. Interventor de Goiás que, a questão dos latifundios, principalmente no Brasil, embora ainda «na era do Jeca Tatú» — é precisamente a questão primordial. Porquanto, segundo as proprias estatísticas do dr. Mario Pinto Serva, para 42.000.000 de habitantes no Brasil, ha de 200 a 300.000 operarios para 30.000.000 de hectares ou analfabetos, cifra equivalente, quasi na sua totalidade ao tipo do Jeca-Tatú.

Poder-se-ia, melhor ainda, dizer ao jornalista «livresco»: — Você quer ser o empresário da Associação da Imprensa? Diretor de jornais, proprietario do Diário Associados? Ali estão arvores, fibras preciosas com as quaes se faz o papel de jornal. Lá está a terra onde jazem os minerais para a construção das máquinas aqui, as

plantas donde se retiram as tintas para imprimir. Depois que você extrair todos esses materiais e os tiver transformado segundo os fins aos quaes se destinam, então poderá fazer os jornais e declarar-se dono e senhor dos rotativas e das gazetas

Todos aqueles que aspiram a ser proprietarios de grandes diários fariam como os cablocos de Goiás: desistiriam do presente de gregos, convencidos de que isso é uma caçoda.

Oferecer a terra inculta ao pobre caboclo que só tem, como instrumento de trabalho, as unhas, para esgaravatar o sólo, dizer á esse desgraçado, de quem a sociedade exige o trabalho de um dia para o sustento do dia imediato: — cave, plante, culde, trabalhe de sol a sol, pague os impostos, seja proprietario, enriqueça-se, tem para isso, tudo quanto é preciso, isso é que é; segundo o nosso parecer não só «jocosamente ridículo», mas, perverso.

Porque, os desgraçados que não possuem ferramentas, sementes, nem de que viver, enquanto esperam as colheitas, podem somente supôr que todos os doutores e todos os interventores civis ou militares caçdam deles . . .

A obra da Revolução Francêza

Justamente a obra profunda e duravel da Revolução Francêza, foi a posse da terra, pelos camponeses.

Mas, tomaram as terras com as construções, os produtos, os animais.

Primeiramente colheram, depois semearam e continuaram, sem patrões, sem proprietarios feudais — a fazer o que toda a vida haviam feito: trabalhar.

Mas, a Revolução lhes permitiu trabalhar para eles, em vez de trabalhar para o senhor — como fizeram, sendo servos. A burguezia, em seguida restabeleceu a ordem — restabelecendo a exploração sob outra forma mais moderna; mas, feita a divisão da terra, em 1789, mantem-se ainda e faz que, de todas as potencias europeas, unicamente a França, economicamente, se conservasse em situação privilegiada.

Bem comunais

Bens comunais existem ainda em todas as regiões da França. São prados onde os pobres tem o direito de levar a pastar uma vaca, um cavalo, um asno, carneiros, se os possuem. Florestas divididas em lotes, todos os anos, para que os pobres da comuna possam cortar a madeira afim de se aquecer no inverno. Terras de cultura repartidas entre os menos ricos para si fazerem as suas plantações, além de que, os proprietarios dos trigaeos ou dos castanheas não têm o direito de pôr animais a pastar, após as colheitas, enquanto o povo não foi respigar. Porque, na França, so costume faz a lei.

O equilibrio economico da França vem da pequena propriedade derivada

da Revolução Francêza e não das vidas de guerra. Porquanto, nos Estados Unidos, o ouro produziu o desequilibrio total da sua vida economica e os 12 milhões de sem-trabalho.

O Taylorismo, o Fordismo tão louvado, a Standardização, a Racionalização criaram o mais terrível desequilibrio social de todos os tempos.

Mas, como cada mal tem o seu remedio, os leitores de «O Estado de São Paulo», de 23-11-32 e os de «A Plebe», no de 17-12-32 terão podido ver por um exemplo citado numa revista norte-americana «Atlantic Monthly», como, torçados pelas circunstancias, os sem-trabalho dos Estados Unidos resolveram o seu problema.

E, si os revolucionarios fossem verdadeiramente revolucionarios, procurariam inspirar-se, para cumprir a obra revolucionaria, nas aspirações, nas realizações sociais realizadas por todos os povos no dia seguinte ao das revoluções.

O capitalismo

A sociedade capitalista por seus excessos se destrói por si mesma. Os financeiros estabeleceram a «entente» internacional para explorar a humanidade, mas, também, aceleraram, acumularam as causas de baixo goismo que os conduzirão inevitavelmente á falencia do sistema capitalista.

Negar o problema não é fazê-lo desaparecer, nem é resolvê-lo.

O dr. Mario Pinto Serva está convencido de que os Estados Unidos e a Inglaterra, sem se dizerem socialistas, estão um seculo á frente do Brasil. Certo, justamente, que a lição dos fatos demonstra claro que não é desses países que devemos copiar, si, como observa, os governos brasileiros são exclusivamente «plagiarios, imitadores de inovações».

Tambem o modelo não pode ser o da ditadura fascista . . .

Diz o dr. Mario Pinto Serva que «os excessos da Revolução Francêza causaram o povo que, por ultimo, foi procurar a salvação no proprio regimen absolutamente oposto, isto é, na ferrea autocracia napoleonica».

Isso é uma falsa interpretação dos fatos. Após o 1789, a nobreza alemã, austriaca e inglesa, por solidariedade de casta, quiz restabelecer a realeza e a nobreza na França.

O povo francês teve de fazer face ás potencias coligadas, armando os «sans-culottes» com generaes de 25 anos, Hoche, Marceau, Kieber e tambem Napoleão Bonaparte.

Vencidos os coligados em Valmy, Bonaparte, ambicioso, aproveitou-se de seu prestigio para dar um golpe de Estado (18 Brumaire) e impor-se ao povo francês. Não foi o povo que desejou ou que lhe impoz o golpe de Estado: — foi a sua valdade, a «voluntá de potencia» ancestral . . .

O povo acabou por compreender todas as lutas e sacudir o jugo desses processos ditatoriais.

Esse não é o caminho.

O Jeca-Tatú

Dizer, tambem, que, no Brasil, ha 30.000.000 de «Jecas-Tatús» e que, por outra parte, a questão dos latifun-

A função da Lei

Desafio quem quer que seja a que descubra uma unica dôr que não derive de uma lei ou de um preconceito, que não se refira a uma tirania qualquer, que não corresponda a um constrangimento, numa palavra, que não possa, afinal, resumir-se como segue: «Não faço o que me agrada, sou obrigado a fazer o que não me convém.»

A sociedade parece-se com uma imensa galé onde os individuos só circulam com os membros partidos pelas cadeias, prostrados pelos entraves. Estão como que aprisionados num desses instrumentos de tortura que utilizarão no tempo dos tratos. O corpo inteiro está apertado, as diferentes peças do aparelho aproximam-se alternadamente, apertando ora a cabeça, ora os pés. Qualquer que seja o tormento sofrido, vem do instrumento de tortura. Quando vejo, pois, populações inteiras só interromper os seus gemidos para pedir novas leis, parecem-me condenados á tortura que suplicam ao carrasco para que se mostre brando e compadecido, para que lhe esmague um pouco menos o estomago, ainda quando tenha que indenisar-se sobre as pernas e sobre o crânio.

Insensatos! reclamais leis, como se elas faltassem! Ignorais, pois, que, desde ha cem anos, vossos amos fabricaram mais de duzentas mil leis, decretos e editos, duas mil anualmente, mais de cinco por dia.

Compulsai-as todas; tomai-as uma a uma e não encontrareis uma unica que não vá afligir um certo numero de entre vós. A sorte de uma lei, qualquer que ela seja, é levar consigo a dôr; se o sofrimento está em toda parte, é porque a legislação tudo invadiu, tudo regulamentou, tudo codificou.

SEBASTIÃO FAURE.

diões não interessa a este país — é uma enormidade.

Justamente ela se impõe, imperiosamente, e nenhuma politica fará obra duravel sem resolver essa questão dos latifundios.

No momento em que a Standardização, a Racionalização faliram, a razão deveria indicar que, em um país como o Brasil, com uma população essencialmente agricola, é preciso dar ao «Jeca-Tatú» a terra com os meios de a fazer produzir.

E então, teriamos de ver os 30.000.000 de «Jecas-Tatús» demonstrar — por fatos — que a riqueza e o bem estar serão restabelecidos na terra, através da formula justa, equitativa, humana: — a máquina para o operario, a terra para o camponlo

Do contrario, os milhões dos sem-trabalho do mundo inteiro, exercito que vae crescendo a todos os instantes, com a falencia do regimen industrial, farão como os sem-trabalho da Liga organizada pelos 40.000 estadunidenses. Reunir-se-ão em uma Liga monstro que terá por fim «Trabalhar para consumir», realizando o contrario da sociedade capitalista que faz produzir para «vender» e destrói a riqueza natural quando esta não é dinheiro circulante.

E o exemplo a imitativa, os primeiros passos no-las deu o país do dolar, vieram-nos dos Estados Unidos, (é um simbolo!) da colonia de desocupados da cidade de Seattle, organizados sem dinheiro, pelo acordo livre e apoio mutuo, sistema de trocas e aproveitamento de todos os produtos e de todas as energias humanas. Uma alvorada no caos de rulos e

escombros da sociedade capitalista agonizante.

O industrialismo não poderá resistir aos que podem viver e organizar o apoio mutuo sem dinheiro.

A pedra vem rolando... 12-32.

A. NEBLIND

LEITOR AMIGO

Se não o coleccionas, não inutilizes este jornal. Dá-o a um amigo, oferece-o a um companheiro, envia-o pelo correio a um parente ou a um conhecido. Se te agrada e interessa faz o possível para que outras pessoas também o leiam e por ele se interessem. Quantas vezes um simples semanario de propaganda achado por acaso a embulhar qualquer mercadoria não contribuiu para atrair ás nossas idéas aquete que lhe lançou os olhos, movido pela simples curiosidade do titulo? Por isso não desperdices nenhum exemplar.

Divulgar

A «PLEBE»

é dever de todo trabalhador de conciencia livre

Durante a tempestade

Nesta hora de confusão nacional, quando se assiste à derrocada da velha e laudável profissionalização burguesa, que sempre viveu, como ainda vive, segundo as regras do luxuoso, e notoriamente também, que a Igreja (1) tenha tomado uma atitude de franca solidariedade, que em plena Constituição de 31 opinaram mais do que a Ditadura sem leis e que já não consideram mais, como outrora, «a questão social no Brasil como um caso de polícia».

Para o observador dos problemas brasileiros há de ser chamado a atenção à não participação do operariado, num momento em que a super-excitação dos Demóstenes da Demagogia levava tanta gente a se alistar. O rádio não anunciou ainda, a adesão de uma só sociedade proletária. Quanto ao clero, porém, ele preferiu cerrar as páginas imitativas do Evangelho de Cristo, não mesmo e humilde de coração, para ter aos seus pés a cartilha manuseada pelos velhos caciques da política profissional de S. Paulo. Estas linhas registam apenas acontecimentos e fatos, não traçam o trazo amargo do ódio ou do partidariano porque os homens não me impressionam, são fatíveis, porque só as idéias conseguem normar condutas e traçar diretrizes firmes para o progresso das sociedades e dos povos.

Foi assim, que ouvimos através das antenas da Rádio Educadora Paulista os fatos que vão abaixo: rebentado o movimento revolucionário, na Paulista, começaram as manifestações de apoio com um manifesto conciliando o povo e que era assinado em primeiro lugar pelo Arcebispo D. Duarte Leopoldo, seguido de intelectuais e burguezes; 2.º) depois ocuparam o microfone da Rádio Educadora vários padres que falaram em linguagem incendiária; 3.º) Foi dito que havia padres lutando no sector Sul; 4.º) o Bispo de Santos encabeçou o movimento para angariar dinheiro para fazer a guerra; 5.º) o Bispo de Traubaté mandou preparar campos de aviação para os aviões rebeldes; 6.º) o Bispo de Assis fez exortações ao povo mineiro para aderir ao movimento e mandou pregar a campanha nos pulpitos das Igrejas; 7.º) Foi lido no começo da luta um telegrama de Botucatu, dizendo que o bispo local estava organizando batalhões patrióticos e concitava o povo para a luta; 8.º) na Capital paulista têm sido anunciadas missas em várias Igrejas, não pela paz, mas pela vitória de suas armas. Agora na campanha do Ouro (donativos para sustentar a luta) os padres estão dando auxílios dos cofres eclesiais e D. Duarte Leopoldo deu ordem para entregar todo o ouro das Igrejas e de sua própria Igreja.

10) As associações católicas, tanto de homens como de senhoras, estão colaborando abertamente a campanha, tanto nos salões da caridade como no de arregimentação e disse é testemunho o escritório radiotelefonico; 11) Os batalhões patrióticos eram abençoados nas Igrejas.

O pouco que se fica é elucidativo e eloquente, e não exige comentários.

Em face da situação brasileira, a atitude digna para aqueles que defendem idéias e se batem por princípios é a de absoluta neutralidade, os callos, de combate aos dois grupos, que defendem velharias e socialistas e lutam por ambições e interesses pessoais.

A Ditadura, com o seu cortejo de uma impudência, conflagrando a mesma política de perseguições e assassinatos contra os advogados e a imprensa, tem no seu lado o militarismo dos tenentes e o facie-

(1) Não são poucos. Tratando-se de uma homenagem contra tudo que é humano, livre, moderno, e Igreja que se empenha profundamente em ajudar a todo o custo do Programa. (Nota de Redação).

mo amarelo das legiões de outubro. Com S. Paulo, a velha comborça da política profissional, aquela mesma que ontem martirizou a pequena e gloriosa Paraíba e derramou o sangue de seu Presidente, depois de ter levado o Brasil ao desespero das armas, todo isto aliado a alta burguezia industrial capitalista de Matanzas, Marilindi, Crepi e outros.

Para aqueles que defendem idéias e princípios não é possível a adesão aos partidos que se degradaram no atual momento histórico brasileiro.

As castas que lutam já pertencem às velharias do passado. O mundo contemporâneo está cansado da exploração e da mentira da burguezia, do capitalismo, do militarismo e do profissionalismo político. Ares novas ardem o ambiente social do mundo. Uma rajada de espiritualismo e de socialismo sacode a consciência universal. O desespero dos povos neste grande minuto de vibratidade e de trepidação outra coisa não é sino o clamor da Humanidade que grita por uma nova Humanidade! É o brado de angústia e de dor que vem da boca de Michael Onda no seu magistral livro «Judeus sem Dinheiro» — e que é o grito dos que trabalham e são humilhados e sacrificados. É o clamor insuportável e atormentado do proletariado, universal, que pede um pouco mais de pão para seu estomago faminto, enquanto a burguezia aliada que governa explora a terra ao fundo dos mares, café, trigo, etc., e com o suor dos seus filhos miseráveis alimenta as bocas dos canhões, adquirindo máquinas de guerra e gases asfixiantes, ao mesmo tempo que exalta nas Clevelândias, Cambucis, Fernandos de Noronha, Siberias, Ushualas os idealistas, os Revolucionários da Internacional do Fraternismo e do Pan-Humanismo.

A dor, a miséria, o luto, a fome a prostituição universal, tudo isso é obra maldita do regime burguez-capitalista-militar. Foi essa trínca maldita que tirou o mundo na loucura planetária de 1914 e que ainda agora está preparando uma outra sangueira no Extremo Oriente.

Foi ela ainda que entre nós «mercantilizou o ensino veneziano Juizes, assaltou jornais, prostituiu inteligências, pôz a fraude nas indústrias, desavergonhou comerciantes, fundando e favorecendo a indústria das falências, transformou o comércio bancario em agiotagem, degradou a última degradação o parlamentarismo, inventou e protegeu a advocacia administrativa, macelou bordados e galões, apodreceu o regime eleitoral, gerou e emamentou o sibirismo político, conspirou lare, poluiu cousas santas e quasi arrazou moralmente o Brasil.

Ao lado destas desgraças internas, os povos devem-lhe a loucura fascista, as ditaduras tripudiando sobre o Direito e massacrando as liberdades, o desequilíbrio financeiro com o sacrifício dos milhões de homens — unidades econômicas! — tragados na Grande Guerra e deverá talvez, num futuro que não está longe, uma nova e terrível conflagração mundial que já se esboça, em notas sangueiras, nos horizontes longínquos da Europa e da Ásia.

Enquanto se passa o drama brasileiro, reflexo da trepidação universal, assinalando o crepúsculo da velha e decadente burguezia e os clarões da alvorada do Brasil novo de amanhã, enquanto ainda o clero paulista pega em armas, alinha batalhões patrióticos, leva palavras de fogo às massas delirantes e nos pulpitos da Casa que se diz de Cristo, cuja vida foi o mais belo Poema de Amor, de Paz e de Fraternidade, se lê o Evangelho para a pregação da Lei de Cain e se oficializam missas, não pela paz, mas pela vitória das suas armas, registra-se o conceito de termos bradado, em pleno calor e desespero da batalha fratricida, o grito de Amor do NAZARENO e do Biotório da renúncia:

NÃO AMATAPAS, VAMA AO TEU PRÓXIMO COMO A TU MESMO.

É o apelo dirigido às Forças patrióticas. É ao caro paulista e aos Homens que lutam fazendo partir dos flancos o sangue generoso dos nossos irmãos, numa guerra, salomônica e desgracada, eu lembro estas memoráveis palavras de Roman Rolland:

Em marcha! Salta as fronteiras e que a rota dos inimigos seja a volta ao globo, dando-se os mãos.

Homens, estas loucos! Matam a pátria, acreditam no delírio da Pa-
tria aos todos os.

Vossos inimigos são vossos irmãos.

Abraçai-vos, milhões de seres.
Belo Horizonte — Minas.

ANIBAL VAZ DE MELO.

NOTA — Este artigo, escrito por ocasião da Revolução Paulista, foi impedido de sair publicado devido à violência da censura policial, que recebeu ordens do Governo Mineiro. Por isso só agora se publica. A. V. M.

O meu sonho de liberdade

(Poesia recitada no festival pro A. PLEBE, no dia 24 de Dezembro de 1932, pela reunião Atax da União dos alunos de autor, o nosso companheiro Felipe de Souza Passos).

Eu vou contar às minhas companheiras que são filhas, como eu, de proletários, uma dessas histórias verdadeiras, uma história de anseios libertários.

Vivia num país longínquo, deslumbrante, onde tudo era livre: o ar, a luz e o pão, o amor, a casa, o sol, o monte e o vale distante, onde havia somente as leis da colheção.

Era ao romper do dia, A madrugada toda aroma e frescor, toda harmonia. Por toda a parte ativamente vivia a livre orquestração da passarada.

Quando acordei, senti como ao trabalhar, que esse país de amor e singeleza, foi apenas um instante de beleza, que apenas teve a vida do meu sonho...

Perguntei ao papae, também meu professor, — Em que parte do Mundo existe esse país?

Vendo-me a procurar no mapa com o jarador, sorriando docemente, o meu papae diz:

— Não procures, filhinha, esse país sonhado, nas linhas divisoras dessa geografia. É traçando no globo um círculo encantado.

Num gesto largo e franco, o seu olhar fugia!

Tirando desse mapa as suas cores brilhantes, e estas linhas que marcaram todas as fronteiras, destruindo depois os centros e as bancas, os tronos e os altares, reliquias intilimantes.

Destruindo os clarins que incitam para a guerra, e um fraternal abraço abranger o Universo,

Comprenderás depois o valor do meu verso, então ficará livre o homem sobre a terra!

Terás depois achado filha, o teu país, onde brilha o esplendor do sol da liberdade!

Não sabes o seu nome?
— Eu não, papae, me diz:
— É o Universo todo, e toda a Humanidade!

SOUZA PASSOS

A "Guerra Civil de 1932 em S. Paulo"

PELO CAMARADA FLORENTINO DE CARVALHO

Encontra-se à venda em todas as livrarias este livro, cuja leitura recomendamos a todos os homens livres.

Precio — 48000. — Pelo correio, registado — 48500.

Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser dirigidos a: Rodolfo Felipe — Caixa Postal 193 — S. PAULO.

O ano terrível de 1932

O povo festejou com alegria a entrada do ano novo. E desta vez damos-lhe razão. O ano que findou foi tão fértil em desastres, crises econômicas, ruínas financeiras, abominações guerreiras desonradas por ambiciosos degenerados, que as populações brasileiras, os paulistas principalmente, tinham corridas de razão para dar um solene fora num ano que se lhe acarretoiu dificuldades, tristezas, aborrecimentos, lutos, misérias, ofendidos, abominações.

De fato, nos annis brasileiros, não há época nenhuma que registre fatos que de perto ou de longe se comparem aos passados aqui em S. Paulo nossees malditos e horrendos três mezes de guerra, de contra-revolução e de incrível violência jamais vista em qualquer parte do mundo, em qualquer época, das mais negras e calamitosas que registem os fastos humanos. Por isso dizemos com o povo: — Sai azar!

É certo, porém, que o povo é que precisa esclarecer-se, abrir os olhos, instruir-se e preparar-se para evitar que fatos semelhantes se possam repetir, que abominações parecidas se possam reproduzir em sua pura perda, pois os mandões, os empreiteiros da terrível, e odiosa jornada, quando muito, vão gozar umas férias na Europa onde com todo o vagar poderão pensar na melhor maneira de desencadear nova tormenta, porque é sabido que raposa velha não se emenda.

É o que sucederá se sempre succederá. Lobo não devora lobo.

O DIREITO A VIDA

A humanidade corre para o suicídio. A utilização, sem respeito aos interesses gerais da humanidade, das aplicações técnicas da ciência, eis a causa essencial da angústia e da insegurança atuais.

Assistimos a esse lato monstruoso, inverossímil, de a riqueza engendrar a ruína e o que deveria ser a salvação provoca a perda de toda a humanidade. Com o regime econômico e social que temos; toda a descoberta que aumenta a produção diminui o consumo. Trabalhar-se-á cada vez menos. Aos milhões e milhões, os homens oferecem seus músculos ou seu cérebro, não havendo emprego para uns, nem para outros. O remédio? Suprimir a máquina? Ora, nada pode entrar a marcha do progresso, nada pode criar obstáculo ao espirito de invenção. Por outro lado, se a máquina, nas condições atuais, empaga o homem, a culpa não cabe à máquina, mas àquelles que a monopolizam. Eles pedem-lhe ganhos para alguns, quando ela serve por objeto de satisfação da necessidade de todos. O homem tem direito às riquezas criadas pela máquina.

O homem que se sacrificou à máquina, o homem que se escravizou à produção, o homem, o único ser real, vivente, o único que deve ser tido em conta, o homem deve perceber que é vítima de suas próprias realizações e que succumbe à mais atroza das misérias deante da acu-

mulação imbecil de riquezas não-empregadas. O direito de todo o individuo à integral realização humana, tal é a ideia diretora, não nova, mas renovada, adaptada às exigências de nosso século, que deve inspirar toda a obra a prosseguir. Numa palavra: O DIREITO A VIDA. DIREITO A VIDA MATERIAL DO CORPO QUE SE ALIMENTA, DIREITO A VIDA ESPIRITUAL DO ESPIRITO QUE SE INSTRUCT.

É para isso, primeiro, que todo e acima de tudo, direito à segurança. O problema da hora não é mais um problema de produção, mas um problema de repartição. Conçençamos nos que os quadros da atual sociedade sustentam por todas as partes, que sob a aparência de respeito à propriedade, ela procede à expropriação feroz de quasi todos em proveito de alguns, e que é em consequência de seu próprio desenvolvimento que o capitalismo perece. Mas, antes de tudo, o princípio que é preciso pôr e impor, o que corresponde à declaração do direito a vida.

O nosso objetivo consiste em criar uma força nova, em procurar penetrar de novo, ideal as agrupações de que fazemos parte. Estorcemo-nos, em um mundo envelhecido em estado de expectativa, que sente confusão, mas profundamente, que precisa inovar ou perecer, porque brote a no valormula de vida indispensavel a uma nova humanidade. Até aqui o orden social repousou no princípio do direito ao trabalho. O que poderia dar hoje esse direito ao trabalho? Um salario insufficiente. Perante a quantidade de exigir de todos o trabalho esmagador de outrora, a sociedade deve-se reconstruir sobre a base que propomos: O DIREITO A VIDA.

RODRIGUES

(Do Plus Loin).

Divulgar A "PLEBE" é dever de todo trabalhador de conciencia livre

DIALOGO ELEITORAL

Vou alistar-me como elector!

— Para que te serve isso?

— Para votar, para eleger bons legisladores, bons governantes.

— Que benefícios te dão os legisladores e governantes, tuas ou meus?

— A mim nenhum, mas à nação.

— Nação é o conjunto de habitantes de certa porção territorial. Se estes habitantes não são todos beneficiados, a nação também não é.

— Então para que fazem tanta propaganda das eleições?

— Não percebes que promulgandistas das eleições são os politicos que não sabem o que querem trabalhar, nem aprender? Vivem a fazer leis para os outros, porque eles não as respeitam. São ricos ou enriquecem depressa a custa dos impostos arrancados ao povo faminto. Como sabes, para os ricos não ha leis. Com o dinheiro tirado do povo, pulam por cima de todas elas. O individuo livre faz as proprias leis. Nossa divina deve ser: NÃO VOTAR.

A. P.

Para o povo em geral

Vós, sotasinas, que empregastes todo o esforço ao vosso alcance para a vitória de S. Paulo, podeis-me dizer quem deu origem a tudo isto? apontar-me o culpado de todo este transe doloroso que veio ondular o coração do Brasil?...

Vós, que dos pulpitos, mesmo das escadarias dos templos industriais, deixando alucinados, aqueles que vos rodeavam para ouvir-vos, dizendo ser necessário derramar o sangue lutar pela Patria: — Mães! mandai vossos filhos; esposas! mandai vossos esposos; noivas! mandai vossos noivos derramar o sangue pela liberdade e pela justiça, assim dizets, e agora porque vós, padres, não ides novamente dos pulpitos falar, rogar por aquelas que ficaram sem o seu marido, por estas que ficaram sem o seu unico e inesquecível filho, por estas outras mais que perderam o seu noivo, a comodidade que havia nos lares, que outrora foi feliz? Oh! como é triste ver estas pobres famílias desamparadas sem abrigo para pensar, e sem ter, ao menos, quem lhes dê uma migalha de pão, para matar-lhes a fome que as tortura! E por culpa de quem? De vós em grande parte. Se os políticos não contassem com o vosso apoio a guerra não se desencadearia. Se os bispos, padres e todos os católicos instruídos prégassem a paz e não instigassem a luta de morte, a guerra não se produziria ou pouco duraria. Mas, vós, que vos julgais representantes de Deus e tudo saberdes andais tão enganados e mais que qualquer outro mortal. Enganais, explorais e, ainda por cima, se possível, maga-crais a humanidade, aqueles que não enxergam, porque ficaram cegos com as vossas «labias», que não sabem de onde vem uma imagem e põem-se a adorá-la, sem que ela nada possa fazer, nem nada lhes possa dar. Cegos, abri os olhos bem abertos para pcederdes enxergar estas sotasinas, intitulando-se ministros de Deus e arrastando-vos para a guerra, para a morte. Não adoreis a imagem que não passam de estatuas de pau, de pedra, de gesso, de mármore, de bronze. Desperta e deixai de ser ingenuos e ignorantes como sois. A estes padres não falta nada, quando vós, povo, se quizerdes viver tendes de trabalhar e do vosso suor é que vos vem o pão. Repara! nesse ex-combatente de nome Waldomiro Gonzaga que ficou gravemente enfermo nas trincheiras, tendo filhos menores e agora apela para as suas caridosas, para que lhe forneçam um pequeno auxílio. E se fosse só esse! Mas são os milhares os mortos, os mutilados, os doentes, os inutilizados, os orfãos, as viúvas. Quem é o culpado de todo este amargor? Sois vós, sotasinas. Não tendes vergonha de pedir auxílios para aquelas famílias que ficaram sem abrigo em Cuaba e que nada tinham com isso? Não tendes remorsos de dizer que tudo isto é feito pelo amor de Deus, esse nome tão explorado por vós, sotasinas parásitas? Porque deixasteis ir os políticos para o exílio enquanto vós ficais aqui regando a embrolação nos? Padres, porventura vós não tivestes a oportunidade de ver soldados mortos, nos campos de luta devorados pelos cervos?

Quanta pobre mãe que ainda espera pelos seus iludidos filhos, que nunca mais voltarão! Apontavam-nos como covardes.

Aquele que não ia, tinha que vestir «sala», como se fosse vergonha vesti-las! Pois eu vi-as e me honro delas e não as troco pelas calças ou pela sotaina de qualquer parasita, que viva às custas do próximo.

Teve razão e merece apoio meu o general Rabello em querer punir os bispos e padres que formaram batalhões para matar seus irmãos. Aqueles é que são mais responsáveis e que deviam ser deportados para o exílio.

Se porventura eu tivesse a felicidade de vê-los na minha presença, os marcaria com ferro em brasa! E assim eles se lembrariam toda a vida dos nossos irmãos que, encorajados por eles, morreram em nome de Deus. Pobres filhos e irmãos que pediam aos bons corações uma esmola. Vós, políticos, padres, é que deveis sofrer o que estes estão sofrendo. Esmola, vós estais acostumados a recebê-la, não a dá-la. Sofrimento não é com vocês nem pelo amor de Deus. Queríeis que S. Paulo fosse vitorioso para poderdes abraçar o Universo inteiro? Não são todos brasileiros, não são todos irmãos?

Porque deportar políticos e não estes padres também, que são tão responsáveis como os primeiros?

Campinas, 28-12-932.

JOSEFINA PARRILO

Avante, camaradas!

Depois de ter sido jugulado pelas armas o movimento militar deste Estado, que cobriu de luto e de dor grande parte da família proletária brasileira, o governo federal chegou à conclusão de que, para contradizer a ambição desmedida dos profissionais da política, dos industriais falsificadores e do clero voraz e exterminador, á espera sempre de ocasiões propícias para cravar o punhal mil vezes assassino, sem alma nem piedade, alguma no peito do povo, deve contar com uma nova força que o ampare e evite novas e possíveis insurreições.

Abandonado pelos políticos que o acompanharam no movimento de 30, hostilizado pelo capitalismo estrangeiro por não ter satisfeito todos os appetites que este ambicionava, talvez os militares só não o podessem sustentar se de novo outro levante chegasse a estourar, e, para isso, pensou que a única classe que lhe poderia prestar o apoio almejado, seria a numerosa classe proletária, que sempre foi a que não soube guardar rancores aos seus inimigos.

Com tal fim, e para estar prevenido para o que der e vier, lembrou-se de criar o sindicalismo obrigatório a ver se chama a si o apoio dos trabalhadores, o mais vasto núcleo do Brasil, e publicou leis que parecem serem favoráveis ao proletariado, como a lei das férias, lei das oito horas, sindicalização etc., porém reservando aquilo que dizem ser os privilégios do capitalismo e da burguezia, procurando encobri-lo com o maior cuidado daquelles que, pela sua ignorancia, não estão em estado de compreender este maquiavelismo.

Dura a burguezia fascista e o governo desta mesma tola, se enganam e aquiescem que tiveram um pouco de compreensão da que são os verda-

deiros ideais revolucionarios consi-derando a organização. Porém, não são capazes de perceber a natureza e a importância, não são capazes de perceber que sempre nos perseguiram e continuão a fazê-lo, mas sim para defender-nos de todos que queiram explorar a nossa boa fé, o nosso suor e nosso trabalho. Formamos a organização para defender os nossos direitos, aspernhados durante toda a vida e, por ultimo, para prestar a nossa solidariedade ao proletariado nacional e internacional, que sofre deste mesmo mal, e também para um dia não muito longe, poder varrer como um cyclone, toda a casta privilegiada e empodrecida, exploradora e delitosa, que aqui, protegida pelas suas leis draconianas, o produtor de toda a riqueza social, o fomentador de todo o progresso.

Para isso, torna-se necessario que nossas organizações sejam limpas, de toda a politica e dos aproveitadores da boa fé proletaria que se introduzem no nosso meio para interromper a nossa obra, por estarem a serviço da burguezia exploradora e ladrava. Nossas organizações de classe e os seus militantes, aconselhados pela experiencia que têm adquirida durante as successivas lutas proletarias, todos sem excepção, devem estar prevenidos e dar o grito de alerta a todos os optimizados, contra os nossos inimigos, que, sem duvida alguma, procurará impedir por todos os meios capulosos meios a nossa obra de Redenção Proletaria.

Estamos em principio, bem se pode dizer, de executar uma grande obra e se não elementares bem os seus alcances, tudo virá novamente, tudo virá agua abaixo, como succedeo com as anteriores. A experiencia que temos soffido durante o periodo destes ultimos dez annos, dá-nos a força para a luta a começada. Devemos fortalecer nosso vigor de lutadores, porém, com novos rumos, que as contendas mal interpretadas não tenham a apparecer entre nos, e, desta forma, estaremos prevenidos para a resistencia.

Estamos sempre na espectralidade, isto sim, porque uma ignorancia de nossa parte pode causar grandes danos á nossa classe. Aqueles que demodadamente queiram sacrificar-se em beneficio da dita redentora, não deverão esperar nem desperdiçar o tempo. Hoje, não são mais os tempos passados, a Aurora da Liberdade já se aproxima, o inimigo está na defensiva, e para sustenta a teia que lhe torde os pés, frange e deposita a transpirar, porém, ele prepara o golpe mortal, com o intuito de nos aniquilar.

Nosso dever? se somos conscientes, é sobrepôr ao golpe da criminosa burguezia o nosso contragolpe final. A Revolução Social está na mente de todas as classes sociais. Preparemo-nos para ella, camaradas, para o advento da justiça e da equidade.

Es o nosso dever.

JOSE PRADOS ESCOBAR

Porque não se faz a troca de produtos?

Haveria gente que se poder minorar as tristissimas condições e deficiências da hora presente iniciando-se paulatinamente uma serie de medidas, entre as quaes a que facilitasse a troca de produtos, voltando-se a reatar o costume antiquissimo, que nesses antepassados usavam, cuja tradição não se perdeu de todo e que, muitas tribus ainda hoje usam na Africa e na Oceania.

No Brasil sobra o café; queima-se, joga-se ao mar, inutiliza-se de todos os modos e por todas as formas. Faltam o trigo, o arroz, o aco, o ferro, a lã. Portanto nada mais logico, racional e elementar que oferecê-lo em troca dos produtos de que necessitam. O governo brasileiro chegou a permulgar ca é por trigo da America do Norte. Tere oferta de carvão alemão por café do Brasil. Mas não se pôde chegar a accordo nenhum.

Logo surgiram os protestos, as resistencias, as hostilidades de todos aqueles que vivem a interceptar a permuta livre dos produtos, a dificultar a troca directa de generos por generos, porque essa manjeira de proceder arruinava-lhes os negocios leoninos e muitas vezes reprováveis ou illicitos.

Toda a coiza de vendedores, exportadores, corretores, intermediarios, agentes de negocios, cambistas, banqueiros, commissarios, negociantes, se sentiu ameaçada com a possibilidade de se iniciar uma modalidade nova e racional de trocas que lhes cortasse, pela raiz a mola da sua desapiadada exploração. Todos esses atravessadores que vivem a pagar uma miserá insignificancia ao produtor e a vender por um preço exageradissimo ao consumidor, se uniram para oppôr barreiras á innovação. E, como essa gente só pensa em seus lucros, em ganhar o maximo com o minimo de tempo e de capital empregado, pouco lhe importando que os negocios individuais ou collectivos periclitem ou se subvertam, nada acha de extranhavel que procurasse impedir por todos os meios ao seu alcance o proseguimento de medidas tão racionais e auspiciosas.

Esses homems nada vem fora de suas trelicancias particulares; para eles o mundo, a familia alheia, a sociedade, a humanidade, só existem como meios para se poderem entregar de alma e coração, com unhas e dentes, á exploração do proximo, ao atulhamento do bolso, á ambição insaciavel de altos negocios e fartos resultados. Depois não são só os interesses individuais que pretem e solicitam e impõem e hostilizam. Ha, além dos interesses particulares do individuo, os interesses regionaes, nacionaes, locais, de classe e profissáo, etc.

o Sul, entre o Leste e o Oeste. Ha a concorrência de produtos dentro do proprio país e cada um quer tirar o melhor partido possível da situação, e todos se julgam com mais direitos uns que os outros. Um exemplo, recente, local de caso. O governo brasileiro, para favorecer São Paulo, publicou decreto proibindo a plantação de café em todo o territorio nacional dentro de um certo numero de annos, ameaçando com pezaradas multas todos aqueles que desobedecerem. Naturalmente, S. Paulo, ao menos no infimo, aplaudiu, achou que era medida acertada e que só perdeu pela demora.

Passam dias e novo decreto. Agora limitando a plantação da cana de açúcar ou restringindo a sua applicação á produção do assucar, para obrigar á produção do alcool-motor e para ir em socorro dos Estados nordestinos produtores de assucar, em crise pela sua grande abundancia de produto e pela sua infima produção e diminuto preço. Pronto, já aí S. Paulo não concordou. Achou que precisava cultivar pelo menos tanto assucar quanto o gasto de sua população, e, se sobrasse para exportação, ainda melhor. De modo que aqui embalemos com a moral do selvagem: roubar eu a mulher do vizinho é um bem; mas o vizinho vir-me roubar a minha é um mal. Que os outros se sacrificarem por mim é ótimo. Eu sacrificar-me por elles é uma ignominia.

Porque isto? Porque os produtos não são considerados como elemento de fartura, abundancia e felicidade do genero humano. Segundo esse ponto de vista, a terra não os produz para saciar a fome a todos que deles necessitem, nem o lavrador os cultiva com esse objectivo. Os produtos, são encarados pelo prima comercial, são simplesmente elemento de negocio. Por isso compram-se por nada e vendem-se o mais caro que se pôde. E se não for assim apodrecem no campo ou no armazem, mas se não for a troca de dinheiro ninguém se utilizará deles.

E o mesmo fazem com a agua e o mesmo fariam com o ar se fosse possível fechá-lo em receptáculos herméticos onde ninguém podesse arrebatá-lo e se fosse possível viver alguns instantes sem respirá-lo. Esta manjeira de encarar e realizar a troca dos produtos por intermedia do comereio e a troca de moeda que se pode acumular, guardar, retirar da circulação e adquirir com ella o possível, o impossível, o licito e o illicito, o necessario e o superfluo, o moral e o immoral, é o maior flagelo que intelligencia a humanidade e que precisa ser removido para o bem da especie a que pertencemos.

Vê-se assim a impossibilidade que existe em procurar solucionar os permanentes problemas sociais que agitam o mundo todo de um polo ao outro e de um a outro extremo da terra, den-

ho esta engrenagem politica economica sem que preliminarmente se transforme ou quebre a estrutura social existente, a qual nos impede de toda liberdade de movimento, nos barrando todo o curso de aspirações elevadas e progressivas e nos deixando todos os passos dados e contidos numa sociedade em que não existe a propriedade privada que reduz a todos a condição de nada possuir, nem o Estado, genitor de todos os males, que tem medo de perder os frutos de suas ladrões rapinagens, nem os juizes e tribunais que condemnam a prisão, o desajustado que soube um pouco não ter trabalho e galgaram com seu respeito e admiração os grandes pilares do comereio, da finança e da industria que dentro da tel roubam milhões explorando desarmadamente a infimidade de famílias proletarias.

O clero e a contra-revolução

A Revolução Paulista, isto é, a contra-revolução promovida pelos reaccionarios de S. Paulo, contra as idéas, relativamente avançadas, da República Nova, proporcionou-nos uma excelente oportunidade de conhecer o clero em toda a sua infamia. Habitualmente reservado e agindo á socupa, desta vez abandonou os seus métodos e desnudou-se completamente. Apoiou franca e decididamente os reaccionarios da politica burgueza.

Com os olhos esbugalhados pelo espanto a população de S. Paulo viu os pseudos ministros de Deus, agirem audaciosamente contra as idéas de liberdade. Atiraram-se á organização de batalhões, instigaram os adolescentes sob a sua guarda a pegarem em armas e agredirem o Governo Federal, fizeram discursos inflamados, benzeram as armas fratricidas, abençoaram os canhões e, sempre em nome de seu Deus sanguinario, tudo fizeram para que a carnificina tomasse o vulto que tomou. Nem uma palavra de paz, nem um gesto de solidariedade humana que traduzisse a finalidade do seu sacerdocio.

Nos grandes movimentos de solidariedade em prol de qualquer coisa que tenha uma finalidade grandiosa, como seja a construção de Hospitales, Leprosarios, Creches, etc., esses personagens jamais saíram das suas comodidades para incentivar o movimento. Nunca abriram a sua bem recheada bolsa para socorrer quem quer que seja. A dor das viúvas, a miseria de milhares de orfãos, os doentes, os miseráveis que não tem pão para comer, a infancia que cresce desamparada nas sargetas de São Paulo, ainda não mereceram um gesto de piedade dessa casta privilegiada. Os inumeros meninos que dormem sob os arcos do viaduto Santa Effigenia, não foram alvo de um olhar de piedade desses plenipotenciarios dessa Divindade de uma casta privilegiada. O problema social do mundo não desperta a sua atenção. Que se importam eles que haja miseria e desespero. Os imbecis proporcionam-lhes um conforto inuovejavel. A bolsa dos burguezes está sempre aberta para encher-lhes as mãos de ouro. O trabalho que prestam á burguezia, de anostesiar a consciencia do povo, é bom pago.

A população da cidade sabe perfeitamente que o unico Hospital de Caridade de S. Paulo, a Santa Casa, luta com

